

## A INTRODUÇÃO DA DISCIPLINA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO CURRÍCULO DO ENSINO NORMAL MINEIRO NA DÉCADA DE 1920: CONTEXTO E PROGRAMA

Rosângela M. Castro Guimarães  
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

A inclusão da disciplina História da Educação, de forma relativamente autônoma e com estatuto próprio, no currículo das escolas normais mineiras deu-se por meio do Decreto 8.162, de 20 de janeiro de 1928, o qual tratou de promover uma ampla reforma no curso de formação de professores primários no estado de Minas Gerais.

Todavia, tal reforma não ocorreu como um fato isolado, ou seja, como uma especificidade da rede pública de ensino desse estado, mas como parte de um conjunto de reformas realizadas, durante a década de 1920, no setor da instrução pública em vários estados brasileiros e no Distrito Federal (RJ), ao promoverem uma remontagem e ampliação de seus sistemas escolares, pautados nos princípios teóricos do escolanovismo (Cf. NAGLE, 2001).

Entre os anos 1926 e 1930, Minas Gerais foi governada pelo presidente Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, cujo Secretário dos Negócios do Interior era Francisco da Silva Campos. Esse secretário, de acordo com Moraes (2002, p. 382-3), lançou mão de uma filosofia e de propostas pedagógicas escolanovistas, marcadamente liberais e de prestígio na época, objetivando realizar, quanto ao ensino primário, uma reforma com vistas a promover a renovação dos métodos e processos pedagógicos e produzir uma escola “ativa, útil, ligada às necessidades das crianças, livre, espontânea, formadora dos futuros cidadãos”. Com relação ao ensino normal, pretendia aprimorar a formação dos professores, instrumentalizando-os nos novos métodos e processos, para assim conduzirem a anunciada, nova escola primária mineira.

Para se entender sobre a estrutura do curso de formação dos professores primários trataremos, inicialmente, de alguns aspectos do Regulamento do Ensino Normal (Decreto 8.162 de 20 de janeiro de 1928). Todavia, como complemento a esse regulamento foram elaborados novos programas para os cursos normais mineiros, baixados por meio do Decreto nº 8.225 de 11 de fevereiro de 1928. Esse último será o documento, em parte, transcrito. Uma vez que, em sua íntegra, ele é muito extenso (totalizando 92 páginas), por conter todos os programas para as disciplinas e/ou cadeiras do currículo que passariam a nortear o ensino a ser ministrado nos cursos normais de segundo grau, em suas três fases: Adaptação, Preparatório e Curso de Aplicação. A parte que exporemos refere-se à cadeira denominada “História da civilização, particularmente dos métodos e processos de educação”, que era composta pelas disciplinas História da Civilização e História da Educação, conforme veremos na sequência do presente texto.

O documento ora parcialmente apresentado tem como fonte a legislação mineira e pode ser encontrado nos arquivos da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais ou no acervo do Arquivo Público Mineiro, porém, ainda, não está disponibilizado virtualmente. Interessa, sobretudo, àqueles pesquisadores da educação que tratam sobre a história da formação de professores, ou a história de disciplinas e/ou currículos escolares.

\* \* \*

Em reformas do ensino normal, anteriores a esta em foco, sempre se esclarecia que o objetivo do referido curso era a formação dos professores primários. Nessa reforma, houve uma ampliação deste objetivo, pois o Artigo 1º do Regulamento em questão traz a

seguinte redação: “O ensino normal tem por objeto formar os professores *e demais pessoal técnico para o ensino primário do Estado*, e será ministrado em *duas categorias de Escolas: - do primeiro e do segundo grau*” – grifos nossos (MINAS GERAIS, 1928, p. 82). Assim, ficavam criados diferentes níveis de habilitação normal em Minas, no que dizia respeito à abrangência da atuação após a conclusão do curso; mas isto implicava também em diferenças quanto à duração, aos currículos desenvolvidos durante a formação profissional e às escolas aptas a oferecê-los.

Quanto à duração, houve um prolongamento no tempo total de permanência do (a) normalista na escola, pois no caso específico do segundo grau, este foi dividido em três cursos ou etapas: Adaptação, de dois anos; Preparatório, de três anos; e Aplicação, de dois anos; somando-se para concluí-lo sete anos de estudos. O normal de primeiro grau seria feito em cinco anos, cuja primeira etapa consistia no curso de Adaptação, fase comum aos dois graus<sup>1</sup>, seguido do normal propriamente. Para o ingresso em cada uma destas etapas, havia uma idade específica, respectivamente: onze, treze, e dezesseis anos; além disso, exigia-se que o pretendente tivesse cursado e sido aprovado na fase anterior. Quanto aos currículos, há diferenças perceptíveis mediante observação do **Quadro I**:

**Quadro I – Listagem das disciplinas/matérias e/ou cadeiras componentes do currículo dos cursos de 1º e 2º graus**

<b>CURSO NORMAL DE 2º GRAU</b> (Ministrado somente em Escolas Normais Oficiais, com duração total de sete anos)
A) <b>Matérias constituintes do curso de Adaptação</b> (complementar ao primário e necessário para matricular-se no Preparatório) <b>distribuídas pelos dois anos de estudos:</b> Português, Francês, Aritmética, Noções de História do Brasil e Educação Cívica, Geografia, Noções de Ciências Naturais, Desenho, Educação Física e Canto.
B) <b>Cadeiras constituintes do curso Preparatório</b> (destinado a ministrar a cultura geral ao normalista) <b>distribuídas pelos três anos de estudos:</b> Português, Francês, Aritmética, Geografia e Corografia do Brasil, Geometria e Desenho Linear, Desenho figurado, História do Brasil e Educação Cívica, Física e Química, História Natural, Trabalhos Manuais e Modelagem, Música e Canto Coral, Educação Física.
C) <b>Cadeiras constituintes do curso de Aplicação</b> (destinado à formação profissional dos mestres primários) <b>distribuídas por dois anos de estudos:</b> Psicologia Educacional, Biologia e Higiene, Metodologia, <i>História da civilização, particularmente dos métodos e processos de educação</i> e Prática profissional.
<b>CURSO NORMAL DE 1º GRAU</b> (Ministrado tanto em Escolas Normais Oficiais quanto em Escolas Normais particulares reconhecidas pelo governo do Estado, com duração total de cinco anos)
A) <b>Curso de Adaptação – Observações:</b> O curso de Adaptação nas escolas normais de 1º grau tinha a mesma duração (dois anos), organização (mesmas matérias do curso correspondente nas escolas de segundo grau, menos o Francês) e objetivos: complementar ao primário para matricular-se no curso subsequente, no caso, o normal de primeiro grau.
B) <b>Curso normal de primeiro grau:</b> Português (1º e 2º anos), Aritmética (1º ano), Geografia (1º ano), Desenho (1º e 2º anos), Trabalhos Manuais e Modelagem (1º e 2º anos), Música e Canto Coral (1º e 2º anos), Educação Física (1º e 2º anos), Noções de Geometria (2º ano), Corografia do Brasil (2º ano), Noções de Ciências Naturais (2º ano), História do Brasil e Educação Cívica (3º ano), Metodologia (3º ano), Noções de Psicologia Infantil e Higiene Escolar (3º ano), e Prática Profissional (3º ano). Duração: três anos.

Fonte: MINAS GERAIS, 1928, p. 85

Quanto às escolas aptas a ministrarem esse ensino, o governo mineiro reservou para si o monopólio sobre o segundo grau; pois, conforme o artigo 2º do Regulamento em foco,

tais cursos só poderiam ser ministrados em Escolas Normais Oficiais e estas se limitariam a dez. A localização de três delas foi definida de antemão: Belo Horizonte, Juiz de Fora e Ouro Fino; as demais teriam sua criação ou recriação em localidades escolhidas com vistas a atender às necessidades das grandes regiões do estado. Quanto aos cursos normais de primeiro grau, poderiam ser oferecidos tanto por escolas oficiais, quanto particulares, desde que reconhecidas e fiscalizadas pelo Estado (MINAS GERAIS, 1928, p. 82).

Com vistas a introduzir as modificações julgadas necessárias e remodelar as práticas existentes, propunha-se, em linhas gerais, que o ensino ministrado cotidianamente aos normalistas passasse a ser desenvolvido pelos professores dos cursos de formação docente pautados nos seguintes parâmetros:

- Dar atenção ao lado educativo, mas também, à metodologia de cada disciplina;
- Fazer das próprias aulas, modelos, quanto aos aspectos científicos, literários e metodológicos, principalmente, nas turmas das últimas fases do curso;
- Desenvolver a teoria e a prática das técnicas pedagógicas unindo ciência e aplicação, com mais trabalho de oficina e tentativas de realizar experiências – único recurso capaz de levar o educando ao conhecimento do processo – com vistas a evitar, ao máximo, limitar-se apenas à exposição oral;
- Apelar para a colaboração dos alunos (principalmente por meio de exercícios complementares) objetivando que adquirissem o hábito de realizar investigações e anotações, por ser vantajoso intelectual e moralmente, pois isto possibilitaria desenvolver a responsabilidade, a percepção do valor do esforço pessoal;
- Conhecer a fundo os programas primários para poder preparar melhor os (as) normalistas que, no futuro, os executariam (MINAS GERAIS. **Regulamento**, 1928, p. 8-9).

Como parte das modificações a serem introduzidas, explicitava-se também, na Exposição de Motivos desta reforma, a criação de novas disciplinas, a partir do desdobramento de cadeiras pré-existentes no currículo do curso normal, até então em funcionamento.

As demais modificações introduzidas no curso normal consistem no desdobramento das cadeiras de Física e Química e História Natural, na criação da cadeira de Biologia e Higiene e na de Psicologia Educacional. [...]. *Finalmente, o regulamento desdobra a cadeira de História do Brasil e Geral, constituindo a cadeira de História da Civilização e da Educação [...]* (MINAS GERAIS. **Regulamento**, 1928, pp. 11 e 18). Grifo nosso.

A cadeira de História da Civilização e da Educação que se criava por meio desse Regulamento do Ensino Normal surgia, conforme assinalado, do desdobramento da cadeira de História do Brasil e Geral. Todavia não consistia em simples mudança de nomenclatura, pois pretendia reformular “o espírito” que até então tinha orientado o seu ensino e mudar o foco, quanto aos temas de estudo, cujos delineamentos transcrevemos, na íntegra, a seguir:

Como v.exc. verá dos programas, a história da civilização se reduz ao estudo das forças que atuaram na formação das diversas fases da cultura, aplicando, neste ponto, ao estudo da história, o método genético, pois que o melhor meio de estudar e compreender um complexo, como seja o mundo contemporâneo, é o de investigar e estudar o processo da sua formação e do seu crescimento. [...]. Como muito bem observa Dewey, uma das partes

mais desprezadas na história é a história intelectual, a saber, a história da adaptação e utilização das forças naturais em benefício da sociedade. Um dos mais importantes desses processos de adaptação e de utilização é, sem dúvida, a educação: somente a ela e aos descobrimentos científicos deve a humanidade essas formas evoluídas de associação e de cooperação, que caracterizam a nossa fase de cultura. [...]. O conhecimento dos métodos e processos do ensino, assim como dos seus resultados, só poderá ser adquirido mediante a sua história, a história das suas tentativas, dos seus sucessos, das suas aplicações. A história da educação terá, ainda, a vantagem de incutir na inteligência dos professores a verdade, que nunca é demais repetir, de que somente a educação tornou possível a civilização do homem, que dela depende o seu presente, como dependerá o seu futuro, e que os povos que não cuidam da educação se acham, por isto mesmo, condenados a essas regressões históricas, de que não conservam a memória porque não deixaram testemunhos (MINAS GERAIS. **Regulamento**, 1928, p. 18-20).

Esses aspectos levam ao entendimento de que, por meio da “cadeira de História da Civilização e da Educação” (rubrica simplificada usada na Exposição de Motivos, do Regulamento da reforma) dever-se-ia trabalhar a história sob um viés evolucionista, que abarcaria desde os tempos mais remotos do surgimento dos primeiros povos organizados (do Oriente e do Ocidente) chegando, por fim, até os tempos então mais recentes: o século XIX e a I Grande Guerra. Entretanto, o eixo em torno do qual se desenvolviam tais conteúdos seria basicamente a história singular de grandes homens ou de fatos históricos considerados mais marcantes e tomados como modelos de ação ou de realização. Ao lado das organizações políticas de cada povo abordado, destacavam-se aspectos relativos às diferentes religiões e seus líderes, assim como as características em termos de pensamento, educação e ciências.

Percebemos que, a história da civilização e a história da educação são consideradas disciplinas úteis para educação e a formação dos futuros profissionais, porque eram capazes de mostrar por meio de exemplos do vivido concretamente, por pessoas reais, tanto os erros quanto os acertos das gerações anteriores. Nesse sentido, no momento em que à ciência era atribuído valor inquestionável, essa possibilidade de se viver sem cometer retrocessos, isto é, em constante progresso, pautando-se nos fatos passados, como testemunho, se revestia do mais alto valor, e se traduzia em um modo científico de se viver, uma vez que se acreditava, conforme Lourenço Filho (1978) na ideia de que, por meio da educação e da história, a sociedade poderia alargar os conhecimentos sobre a vida, no tempo e no espaço e, assim, seria cada vez mais civilizada e teria algum domínio sobre a natureza em benefício de si própria.

A História da Civilização era matéria específica do primeiro ano do curso de Aplicação, e a História da Educação seria trabalhada no segundo ano. Seus programas foram regulamentados por meio do Decreto nº 8.225 baixado em 11 de fevereiro de 1928. Os estudos de História da Civilização poderiam proporcionar aos discentes normalistas uma visão panorâmica da história mundial – desde a Antiguidade até a criação da Liga das Nações no Pós I Guerra, quanto aos aspectos políticos, religiosos, econômicos, sociais e culturais: uma História Geral (sem nenhuma referência à história do Brasil) –, e poderiam subsidiá-lo no segundo ano, quando então seria estudada a História da Educação.

Essa também era apresentada sob um viés cronológico e evolutivo, a partir da Grécia até o momento que se vivia, enfocando as características da educação, no que se referem aos modos de ensinar, mas dava-se também grande ênfase às contribuições dos pensadores/educadores de maior destaque (religiosos ou laicos), desde Lutero até Dewey,

no sentido de seus legados para a construção daquela educação a que então se chegara, considerada mais popularizada (pois nacionalizada em vários países) e moderna, pois naquele momento era fundamentada em conhecimentos científicos proporcionados pela psicologia e pela pedagogia.

A seguir apresentamos a listagem completa dos conteúdos propostos para ambas as disciplinas e as respectivas bibliografias. Trata-se de uma longa e minuciosa listagem de temas, distribuídos por numerosos capítulos, a serem estudados no decorrer do Curso de Aplicação (com duração de dois anos), ao lado de outras cadeiras que compunham o currículo para tal fase de formação; a saber: Psicologia Educacional; Biologia e Higiene, Metodologia e Prática Profissional.

### Referências

LOURENÇO FILHO. **Introdução ao estudo da Escola Nova**. São Paulo: Melhoramentos/Ministério da Educação e Cultura, 1978.

MINAS GERAIS. Decreto nº 8.162 de 20 de janeiro de 1928. In: **Coleção das leis e decretos do estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 1928.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 8.162 de 20 de janeiro de 1928. In: **Regulamento do ensino normal**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1928.

\_\_\_\_\_. Decreto 8.225 de 11 de fevereiro de 1928 In: **Coleção das leis e decretos do estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 1928.

MORAES, Maria Célia Marcondes. Francisco Luis da Silva Campos. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de A. & BRITO, Jáder de Medeiros (Orgs.). **Dicionário de Educadores no Brasil**: da colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro: UFRJ/MEC – INEP – COMPED, 2002.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. Rio de Janeiro: DP&A., 2001.

## Documento

## DECRETO N. 8225

Aprova os programas do ensino normal

O Presidente do Estado de Minas Gerais, usando da atribuição que lhe confere o art. 57, da Constituição, resolve aprovar os programas do ensino normal que com este baixam, assinados pelo Secretário de Estado dos Negócios do Interior, que assim o tenha entendido e faça executar.

Palácio da Presidência do Estado de Minas Gerais, em Belo Horizonte, 11 de fevereiro de 1928.

ANTÔNIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA

*Francisco Luiz da Silva Campos.*

Programas para as Escolas de 2º grau

[...]

## HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO

I – Rápido golpe de vista sobre as raças e as línguas da humanidade.

II – *As primeiras civilizações.* As primeiras cidades e os primeiros nômades. Os sumérios. O Império de Sargon I. O Império de Hamurabi. Os Assírios e os Caldeus. Os começos da civilização no Egito, na Índia e na China.

III – *Povos marítimos e povos mercadores.* Os primeiros navios e os primeiros marinheiros. As primeiras viagens de exploração. Os primeiros mercadores e os primeiros viajantes.

IV – *A escrita.* A escrita ideográfica. A escrita silábica. A escrita alfabética. O papel da escrita na vida humana.

V – *Os deuses e as estrelas, os sacerdotes e os reis.* Os sacerdotes e as estrelas. O sacerdote e a aurora da ciência. Reis e sacerdotes. Os deuses-reis do Egito.

VI – *Escravos, classes sociais e indivíduos livres.* O homem comum na antiguidade. Os primeiros escravos. Os primeiros homens livres. As classes sociais tornam-se castas. As castas na Índia e na China.

VII – *Os hebreus, a escritura e os profetas.* O lugar dos israelitas na história. Saul, David e Salomão. Os hebreus e as suas origens diversas. O papel e a importância dos profetas.

VIII – *Os gregos e os persas.* Os povos helênicos. Caracteres da civilização helênica. A monarquia, a aristocracia e a democracia na Grécia. O advento dos persas no Oriente. A história de Creso. Dario e a sua invasão na Rússia. A batalha de Maratona. Thermopylas e Salamina. Platéia e Mycale.

IX – *O pensamento grego e a cultura social na Grécia.* Atenas do tempo de Péricles. Sócrates. Platão e a Academia. Aristóteles e o Liceu. A educação grega e as ideias de Platão e de Aristóteles sobre a educação.

X – *A carreira de Alexandre Magno.* Philippe da Macedônia. Philippe e Demosthenes. Morte de Philippe. As primeiras conquistas de Alexandre. Marcha para o Oriente. Apreciação sobre a grandeza de Alexandre e as conseqüências das suas conquistas. Sucessão de Alexandre. Pérgamo, refúgio da cultura.

XI – *A ciência e a religião em Alexandria.* A ciência e a filosofia em Alexandria. Alexandria, centro de convergência do pensamento grego e das religiões orientais.

XII – *Budhismo.* A história de Gautama. O conflito do ensino e da legenda. O evangelho de Buda. Os grandes mestres chineses. O domínio atual do budismo.

XIII – *As duas Repúblicas Ocidentais.* As origens do povo latino. Cartago, a república dos ricos mercadores. A primeira guerra púnica. Catão, o antigo. Segunda e terceira guerras púnicas.

Influência das guerras púnicas sobre as liberdades romanas. Comparação entre a República romana e um Estado Moderno.

XIV – *Da República ao Império*. Como o cidadão romano perdeu o seu poder. As finanças de Roma. Os últimos anos de política republicana. A era dos generais aventureiros. O fim da República. Os príncipes. Causas da queda da República romana.

XV – *Os césores entre o mar e as grandes planícies do Velho Mundo*. Vista sumária sobre o imperadores. O ponto culminante da civilização romana. Os caracteres da mentalidade romana. A educação em Roma. As planícies se agitam. Redução do Império Romano no Ocidente. O Império do Oriente.

XVI – *O advento, os progressos e as divisões do cristianismo*. A Judéia na época de Cristo. A prédica de Jesus. A sua crucificação. Lutas e perseguições. Constantino, o Grande. Reconhecimento oficial do Cristianismo. A carta da Europa no ano 500 depois de Cristo. A ciência salva pelo Cristianismo.

XVII – *Sete séculos na Ásia* – Justiniano, o Grande. A Síria sob os Sassanidas. A primeira mensagem do Islam. Zoroastro e Mani. Os hunos na Ásia Central e na Índia. A grande época da China. O isolamento intelectual da China. As viagens de Yuan-Chwang.

XVIII – *Maomé e o Islam*. A Arábia antes de Maomé. A vida de Maomé até a Hégira. Maomé, profeta e guerreiro. Os grandes califas. A vida intelectual da Arábia islâmica.

XIX – *A cristandade e as cruzadas*. O declínio do mundo ocidental. O sistema feudal. O reino dos Merovíngios. A conversão dos bárbaros ao Cristianismo. Carlos Magno, imperador do Ocidente. A grande prova do Cristianismo. O imperador Frederico II. Defeitos e insuficiências do Papado. Os principais Papas.

XX – *O renascimento da civilização ocidental*. O Cristianismo e a instrução popular. As congregações votadas ao ensino. O protestantismo e a educação: Lutero e Comenius. O renascimento e as teorias da educação: Erasmo, Rabelais, Montaigne. Nova aurora da ciências. As cidades da Europa se repovoam. Ingresso da América na história. A República Suíça. O imperador Carlos V. as grandes correntes intelectuais.

XXI – *Príncipes, parlamentos e potências*. Os príncipes e a política estrangeira. A República Holandesa. A República Inglesa. Desordens e divisões na Alemanha. os esplendores da monarquia da Europa. Como se desenvolve a idéia de grande potência. A República polonesa. Os primeiros sintomas do imperialismo: o império do Ultramar e as primeiras projeções europeias para ele. A Grã Bretanha, senhora da Índia. O avanço russo na direção do Pacífico.

XXII – *As novas repúblicas democráticas na América e na França*. O inconveniente do sistema das grandes potências. As treze colônias americanas antes da sua revolta. A guerra civil imposta às colônias. A guerra da independência. A Constituição dos Estados Unidos. As idéias revolucionárias em França. A revolução de 1789. A revolução jacobina. A República jacobina. O diretório.

XXIII – *A carreira de Napoleão Bonaparte*. A família de Bonaparte na Córsega. Bonaparte, general republicano. Napoleão, primeiro cônsul. Napoleão I, imperador. Os Cem Dias. A carta da Europa em 1815.

XXIV – *O século XIX*. A revolução operada pelo maquinismo. O maquinismo e a revolução industrial. Fermentação de idéias: 1848. A revolução do socialismo. Os pontos fracos da doutrina socialista. Influência do darwinismo sobre as idéias sociais e políticas. As nacionalidades e o movimento nacionalista. Novo surto do imperialismo: ocorrências das grandes potências europeias ao império ultramar. A conquista da Índia. O advento do Japão à história da civilização.

XXV – *A conflagração mundial*. A paz armada. A Alemanha imperial. O imperialismo inglês. O imperialismo na França, na Itália e nos Bálcãs. A monarquia russa e o mundo eslavo. Causas imediatas da grande guerra. História sucinta da grande guerra. A reorganização política, econômica e social após a guerra. O presidente Wilson e o Tratado de Versalhes. A Liga das Nações: resumo do pacto da Liga. Papel da Liga das Nações e história sumária do que tem feito.

#### *Bibliografia*

Vells – *Equisses de l'histoire universelle*.

Seignobos – *Histoire de la civilisation*. (MINAS GERAIS, 1928, p. 276-9).

#### HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

I – *A educação na Grécia.* O povo grego. Primeiras formas da educação na Grécia. A idade de ouro na Grécia, a partir da batalha de Maratona. Mudanças nas formas e nos sistemas de educação.

II – *A educação em Roma.* Os romanos e sua missão. O período da educação doméstica. A transição para o sistema escolar de educação. O estabelecimento definitivo do sistema escolar. Contribuição de Roma para a civilização ocidental.

III – *A educação e o cristianismo.* O aparecimento e a vitória do cristianismo. Organização educacional e governamental da igreja primitiva. Ponto de partida da idade média em matéria de educação.

IV – *A educação no mundo medieval.* A educação durante os primeiros tempos da idade média. Fundação de escolas. Tendências no sentido do renascimento do ensino: a) a influência da cultura árabe na Espanha; b) teologia escolástica; c) direito e medicina como novos ramos do ensino; d) outras influências e correntes.

V – *A transição da idade média à idade moderna.* O renascimento e a educação. Resultados educacionais do renascimento das ciências e dos estudos antigos. O protestantismo e a educação: Lutero. Calvino. A contra-reforma dos católicos; os jesuítas, as suas escolas, os seus métodos e a formação dos seus professores. A igreja e a educação elementar; as ordens religiosas votadas ao ensino.

VI – *A investigação científica na época do renascimento.* Os novos métodos científicos e as escolas. Realismo e humanismo. Exponentes do humanismo realista: Erasmo, Rabelais e Milton. Realismo social: Montaigne e Locke e seu lugar na história da educação. Realismo científico: Bacon, Wolfgang, Ratke e Comenius. Comenius e os métodos de educação; as suas idéias sobre a organização das escolas; a reforma por ele introduzida no ensino das línguas. A influência de Comenius e o seu lugar na história da educação.

VII – *Teoria e prática educacionais no século XVIII* – John Locke e a teoria da educação formal ou disciplinar. As idéias de Locke sobre a educação elementar. As condições da educação no meio do século XVIII: estudos e manuais; o curriculum escolar (leitura, escrita e contas). Primeiras escolas femininas na Inglaterra. As escolas primárias na Inglaterra, fundadas com o fim de catequese. O ensino aos órfãos e às crianças pobres na Inglaterra. Métodos de instrução. Disciplina escolar. Condições de vida das crianças, particularmente das crianças pobres. Recursos destinados à manutenção das escolas.

VIII – *A significação do século XVIII para a educação.* O movimento das nacionalidades apenas nascente, e o interesse dos governos na obra da educação. Os reis da Prússia. O imperador José II e os reformadores austríacos. Reformas na Espanha. O despotismo russo e a educação: Pedro, o Grande e Catarina II. O movimento de reforma na França: os filósofos e homens de letras. Montesquieu, Turgot, Voltaire, Diderot e Rousseau. Revolução no pensamento francês: influências inglesas. Os começos de democracia na Inglaterra: a tolerância religiosa e outras influências emancipadoras e educativas; ciência e manufatura. A República americana. A Revolução francesa e os seus resultados. O movimento de nacionalidades se estende a outros países. Importância e consequência do movimento democrático.

IX – *Os começos de um sistema nacional de educação.* Novas concepções quanto aos fins da educação. As novas teorias em França: Rousseau, Rolland, Diderot, Turgot. Movimentos legislativos tendentes a incorporar as novas idéias e concepções: Mirabeau, Talleyrand, Condorcet. A Convenção Nacional. As novas concepções na América: mudança no caráter das escolas; o sistema de escolas civis ou do Estado; as instituições e os ideais políticos constituem novos motivos e novo estímulo à criação de escolas e ao maior interesse do Estado pela educação popular.

X – *Novas teorias e concepções sobre a instrução primária.* A obra de Rousseau: o seu radicalismo e os seus elementos aproveitáveis. Novos ideais na educação. Influência de Rousseau nos países germânicos. Tentativas germânicas de uma nova concepção da educação elementar: Basedow, sua obra e sua influência. A obra e a influência de Pestalozzi; as suas experiências, a sua contribuição; as consequências das suas idéias, os seus continuadores.

XI – *A organização nacional da educação na Prússia.* Progressos da Alemanha na organização escolar. O exemplo da Prússia seguido em outros Estados alemães. Os começos do ensino normal.



Stein e Fichte. A reorganização da instrução primária. Nacionalização da instrução primária. Reorganização da instrução secundária. As Universidades.

XII – *A organização nacional da educação na França, na Bélgica e na Itália.* Napoleão começa a organizar a educação nacional. Escolas primárias, escolas secundárias e Universidades. Novos interesses na instrução primária: Cousin e Guizot. Organização nacional na Itália: reforma da instrução na Sabóia; influência de Napoleão; a Sardenha e o movimento pela nacionalização da instrução. Cavour.

XIII – *A organização nacional da educação na Inglaterra. Sundays School;* sistemas voluntários; influência do século XVIII. Esforços e contribuição da filantropia. Instrução mútua ou monitorial; valor do sistema. Obra das sociedades de educação. Lutas no Parlamento pela organização da educação. Os *leaders* do movimento: Lord Brougham, Carlyle, Dickens, Macaulay e Stuart Mill. Começos da organização nacional da educação. Desenvolvimento do sistema nacional da educação.

XIV – *O sistema nacional da educação nos Estados Unidos.* O problema americano. Efeitos da guerra da Independência. A consciência educacional nos Estados Unidos; o movimento dos *Sunday Scholls*; sociedades educacionais; escolas monitoriais. Organização da educação primária. Influências sociais, econômicas e políticas. Crescimento da população nas cidades, manufaturas e indústrias; a extensão do sufrágio; a obra da propaganda. Os Estados assumem a responsabilidade de custear as escolas. Horace Mann, a eliminação do sectarismo.

XV – *A educação torna-se um instrumento nacional.* A maioria dos Estados assume o controle da educação, considerada como uma obra de interesse nacional. O sistema de educação nos países da América do Sul, particularmente na Argentina, no Uruguai e no Chile.

XVI – *O sistema de educação no Brasil, particularmente no Estado de Minas Gerais.* Histórico e dados da atualidade.

XVII – *O progresso das ciências e a sua influência sobre a educação.* As aplicações das ciências e os seus resultados. As condições de vida há um século e as transformações operadas. Efeitos dessas transformações sobre as classes operárias. Resultados gerais dessas transformações e a sua influência sobre as escolas. Novos problemas educacionais. A educação considerada como um instrumento de construção nacional.

XVIII – *Os começos da instrução normal.* A contribuição de Pestalozzi. Desenvolvimento do ensino oral e objetivo. O moderno ensino normal. *O ensino normal* na França, na Alemanha, na Bélgica, nos Estados Unidos, na Áustria, no Brasil e, particularmente, no Estado de Minas Gerais (grifo nosso). A expansão do ensino normal. A psicologia torna-se uma ciência fundamental. A graduação da instrução primária e a divisão dos alunos em classes.

XIX – *Novas idéias e modernos pontos de vista sobre a educação.* A obra de Herbart; fins e conteúdo da educação; método de Herbart; movimento das idéias de Herbart na Alemanha; as idéias de Herbart nos Estados Unidos. A contribuição de Herbart.

XX – *Jardins de infância, jogos e trabalhos manuais.* Origem dos jardins de infância. Expansão da idéia de jardins de infância. Organização e conteúdo da educação nos jardins de infância. Trabalhos manuais; expansão da sua idéia e a sua contribuição no moderno sistema educativo.

XXI – *Expansão gradual do interesse pelo estudo das ciências nas escolas.* A incorporação dos estudos das ciências no curriculum escolar. As idéias de H. Spencer e Muxley a este respeito. As novas finalidades da educação. Significação social dessas idéias. As contribuições de Dewey e a sua pedagogia.

XXII – *Alarga-se a concepção da educação popular.* Mudanças, na concepção dos fins da educação. Influência dos interesses nacionais sobre a educação. A revolução industrial e as suas repercussões sobre a educação. A educação técnica. A ciência aplicada, particularmente, à agricultura. O interesse nacional nas ciências aplicadas.

XXIII – *Educação e vocação.* A educação vocacional na Europa e nos Estados Unidos.

XXIV – *Pontos de vista sociológicos sobre educação.* A significação e o valor da vida da criança. Medidas legislativas de proteção à criança. Obrigatoriedade escolar e resultados. A educação dos supranormais. A importância da saúde nas novas concepções da educação, inspeção médica e dentária e higiene escolar.

XXV – *A organização científica da educação.* Novas influências. A educação como um novo e importante ramo dos estudos universitários. Os problemas do presente.

## BIBLIOGRAFIA PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO:

Joseph Gotler – Geschichte der Paedagogik.

Cuberley – The History of education.

François Guex – Histoire de l’instruction et de l’education.

Compayré – Histoire de La Pédagogie.

Ponthiere, Monchamps, Maquet, Vandervest – L’orientation professionnelle.

Dewey – School of To-Morrow (MINAS GERAIS, 1928, p. 279 -283)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> O curso de Adaptação nas escolas de primeiro grau possuía a mesma duração e organização das escolas de segundo grau, excetuando o Francês, matéria exclusiva do currículo das escolas de segundo grau, conforme artigo 24 do Regulamento em apreço (MINAS GERAIS, 1928, p. 85).

<sup>2</sup> Obs.: Os nomes das obras e autores, nas bibliografias, foram grafados do modo como aparece no documento original, bem como outros nomes próprios que constam nos textos dos programas.